

Dengue: Explosão epidêmica em 2024

M. Eduarda Carrenho, Rafaella Martins e Luiza Araújo

Jairo Oliveira de Castro

Colégio Passionista São Paulo da Cruz

2024

Resumo

Esse projeto se trata de uma iniciação científica que aborda o tema dengue e seus variados efeitos em lugares pobres e discriminados, mostrando como a falta de saúde pública influencia nessa discrepância.

Palavras-chave: Dengue 1. Desigualdade 2.. Pobres 3. Doenças virais 5. Fenômenos climáticos

Introdução

A realização de pesquisas, há muito tempo, é um dos meios mais eficazes de obter-se informação atualmente, promovendo o conhecimento e assim permitindo que ocorram mudanças. Dentro do tópico “pesquisa” existem diferentes ramos, e nesse trabalho encontram-se as pesquisas bibliográficas.

Esse é um trabalho que fala sobre o aumento absurdo de casos relacionados ao vírus da dengue no estado de São Paulo, abordando sua recorrência em regiões vulneráveis. Julgamos o trabalho ser de extrema relevância pois tem tomado proporções muito grandes e ao invés de diminuir os números sempre estão crescendo. Portanto cabe a nós falar sobre tal assunto de tamanha importância.

Objetivo

Com esse projeto, temos o intuito de analisar e relacionar dados em relação aos casos de dengue nas regiões periféricas da cidade de São Paulo, e os diferentes impactos que a segregação espacial apresenta no cotidiano dessas comunidades. Além disso, trazer visibilidade para esse problema que afeta milhares de pessoas

Metodologia

Este trabalho utiliza a metodologia qualitativa. A pesquisa foi aprofundar os nossos conhecimentos com base em documentos teóricos que refletem sobre assuntos pertinentes ao tema, como o descaso governamental e o racismo ambiental.

Desenvolvimento

Ao longo da história da humanidade, diversas doenças afetaram a vida das pessoas, com causas variadas, entre elas, a dengue, que hoje alarma o Brasil.

Apesar de indícios de epidemias de dengue desde o início do século XX, os primeiros casos de fato comprovados datam mais recentes.

O início da dengue no Brasil se dá em 1980 e início da década de 90. A dengue, uma doença viral transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti*, já era conhecida em várias partes do mundo, especialmente na Ásia e na África, mas sua chegada ao Brasil, através dos negros escravizados, resultou em consequências que perduram até hoje.

Antes do surgimento da dengue, o *Aedes aegypti* era conhecido por ser um vetor de outras doenças, como a febre amarela e o vírus Zika. No entanto, o vírus da dengue começou a se estabelecer no Brasil a partir de 1986, com a chegada do sorotipo ("Sorotipo é um grupo de microrganismos relacionados que possuem antígenos em comum") DEN-1. Esse evento marcou o início de um período de grandes surtos e uma preocupação cada vez maior com a doença.

O primeiro grande surto de dengue no Brasil ocorreu em 1990, na cidade de Boa Vista, em Roraima. Inicialmente, a doença foi identificada como um problema localizado, mas logo se espalhou para outras regiões do país, aproveitando a vasta presença do mosquito transmissor e as condições climáticas favoráveis. O surto foi caracterizado por um aumento grave de casos de febre, dor no corpo e erupções cutâneas.

Durante a década de 1990, o Brasil enfrentou um aumento considerável no número de casos de dengue, com surtos ocorrendo em várias regiões do país. A presença de diferentes sorotipos do vírus (DEN-1, DEN-2, DEN-3 e, mais tarde, DEN-4) tornou a situação ainda mais complexa. A diversidade de sorotipos contribuiu para o fenômeno conhecido como "dengue hemorrágica" ou "dengue grave", que é uma forma mais severa da doença e pode levar a complicações graves e até à morte.

Um fator importante que contribuiu para a disseminação da dengue no Brasil foi o aumento da urbanização e a proliferação de áreas com condições adequadas para a reprodução do mosquito *Aedes aegypti*. Áreas urbanas e periurbanas com acúmulo de água em recipientes, como pneus velhos, caixas d'água e vasos de plantas, criaram ambientes propícios para a reprodução do mosquito, especialmente nas áreas mais periféricas, que dificilmente têm acesso ao saneamento básico e até mesmo ao conhecimento sobre a doença e a sua profilaxia.

A dengue, por ser uma doença febril, tem como principais sintomas febre alta, dores musculares intensas, dor ao movimentar os olhos, mal estar, falta de apetite, dor de cabeça e manchas vermelhas pelo corpo. Sua transmissão ocorre através do mosquito fêmea contaminado da espécie *Aedes aegypti*, pois somente ela é hematófaga e precisa do sangue para se reproduzir, sendo mais comum no território americano, especialmente próximo de casas que possuam água parada, para auxiliar na procriação do inseto.

Nas 4 primeiras semanas de 2024 já haviam sido registrados mais casos que o triplo no mesmo período de 2023, além de ser o maior valor registrado desde o ano 2000.



Ao ressaltar o aumento inesperado de casos registrados, se faz necessário detectar os fatores por trás de tal acontecimento. O primeiro fator é que frequentemente uma determinada região ou cidade seja acometida por um subtipo específico do vírus durante uma ou algumas temporadas de calor. Passado um tempo, quando a maior parte da população já foi infectada — e, portanto, está protegida contra aquele subtipo —, os casos tendem a baixar por uma espécie de imunidade coletiva — até que outra versão se dissemine e dê início a um novo

ciclo de transmissão.Ou seja: esse rearranjo dos diferentes sorotipos, que pegam uma grande parcela da população desprotegida e sem imunidade, é o primeiro ingrediente que ajuda a entender a atual situação sanitária.

Em seguida, as pessoas moram cada vez mais em áreas urbanas, e o *Aedes* é um mosquito que vive nas cidades, ou seja, com um número maior de indivíduos concentrados em um espaço pequeno, há uma chance ampliada de o mosquito conseguir transmitir mais e mais. Soma-se a isso o fato de a expansão das cidades brasileiras acontecer na maioria das vezes de uma forma desordenada e desigual, sem saneamento básico ou coleta de lixo, que também ajuda o mosquito, pois ele encontra um vasto número de reservatórios de água parada para botar os ovos, se reproduzir e perpetuar os ciclos de transmissão e infecção. Outro fator são as mudanças climáticas que vêm sendo radicalizadas nesses últimos anos, e acabam gerando aumento da temperatura média e alterações nos regimes de chuvas.E, por último, além das mudanças climáticas, o verão de 2023/2024 teve outro agravante: um El Niño muito intenso. O fenômeno meteorológico relacionado às águas do Oceano Pacífico fez os termômetros subirem ainda mais e alterou o regime de chuvas nos últimos meses.Por um lado, pancadas d'água frequentes criam novos criadouros para o mosquito. Por outro, secas estimulam que as pessoas mantenham em casa reservatórios de água, muitos deles sem nenhuma proteção.

Os impactos decorrentes da epidemia também são dignos de serem mencionados. Economicamente, um estudo dirigido pela Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG) diz que o Brasil enfrenta o risco de uma queda de até R\$7 bilhões em seu Produto Interno Bruto (PIB) devido à redução da produtividade causada pelos efeitos dessas doenças. Além disso, os custos relacionados ao tratamento podem atingir a marca de R\$5,2 bilhões. Esse impacto econômico tem o potencial de resultar na perda de mais de 129 mil postos de trabalho, comprometendo a geração de cerca de R\$2,1 bilhões em massa salarial.

O estudo considera três arboviroses – dengue, zika e chikungunya –, em um cenário esperado com 4,2 milhões de infectados no país. A estimativa de infectados foi baseada na divulgação do Ministério da Saúde para o ano de 2024. Esses números alarmantes decorrem dos impactos causados por alterações climáticas, como El Niño, que provoca ondas de calor e chuva. O documento evidencia ainda a importância de medidas preventivas e de controle. Segundo

João Gabriel Pio, economista-chefe da FIEMG, “o estudo evidencia os impactos econômicos e sociais das arboviroses na sociedade”. Ele explica ainda que os gastos com tratamento podem chegar a R\$5,2 bilhões ao ano, valor suficiente para subsidiar o programa Bolsa Família para mais de 716 mil famílias. “Os custos com a saúde não são o único obstáculo”, explica Pio. Segundo ele, “o absenteísmo, decorrente do afastamento do trabalho, acarreta prejuízos significativos para a atividade econômica”. Já os impactos na saúde pública podem ser expresso pelos números, sendo, somente no estado de São Paulo, mais de 2.000.000 de casos confirmados e mais de 1700 óbitos confirmados, números alarmantes quando comparados ao mesmo período de anos anteriores, segundo o site Dengue SP.

Portanto, é notável que medidas precisam ser tomadas, a fim de mitigar a incidência de casos e, dessa forma, melhorar a qualidade de vida da população. Por exemplo, 1. educação e conscientização da população, que através de campanhas informativas sobre os sintomas da dengue, formas de transmissão e prevenção. Utilizar mídias sociais, rádio, televisão e panfletos. 2. Controle de Mosquitos ao realizar movimentações para eliminar locais de reprodução do *Aedes aegypti*, como recipientes com água parada. Isso inclui limpeza de terrenos baldios, calhas e caixas d'água e aplicar inseticidas de forma segura em áreas com alta incidência de dengue, priorizando locais onde há focos de larvas. 3. Vigilância Epidemiológica, com monitoramento de Casos ao estabelecer um sistema de vigilância para identificar rapidamente surtos e monitorar a evolução da epidemia. 4. Tratamento e Cuidados de Saúde, como a capacitação de Profissionais de Saúde, para que possam oferecer formação para médicos e enfermeiros sobre o manejo de casos de dengue e identificação de sinais de gravidade. Além disso, o acesso a Medicamentos e Equipamentos: Garantir que hospitais e unidades de saúde tenham acesso a fluidos intravenosos e medicamentos para tratamento de dengue severa. 5. A Participação Comunitária também acaba sendo um dos principais fatores na luta contra esse mal.

Outro assunto super pertinente ligado a pesquisa é o racismo ambiental presente na cultura brasileira. De acordo com a pensadora negra brasileira Tania Pacheco, o Racismo Ambiental é constituído por injustiças sociais e ambientais que recaem de forma implacável sobre etnias e populações mais vulneráveis.

Uma reportagem realizada pela Agência Brasil afirma que o médico infectologista José Davi Urbacz diz que as condições sociais são causas do avanço da dengue. “É claríssimo que, no caso da dengue e, habitualmente, todas as doenças infecciosas, são grandes marcadores dessa vulnerabilidade porque ela é construída”, avalia. As populações com menos condições de saneamento básico, de moradia digna, de emprego, de educação e de acesso à saúde, segundo o médico, estão mais vulneráveis à disseminação das doenças como a dengue. O especialista salienta que qualquer objeto abandonado que acumule água pode acabar sendo um criadouro do mosquito. “Lembrando que os ovos do *Aedes aegypti* podem ficar até 1 ano em um terreno seco, esperando cair água e acumular. Todo o combate se baseia em eliminar esses criadores, como objetos jogados, caixas d’água sem tampa, aquele vaso que tem um pratinho com água embaixo”, alerta. Hemerson Luz diz que todos esses cuidados são necessários com responsabilidade dos órgãos públicos e dos cidadãos.

Logo, apesar dos fatores para esse agravamento terem sido diversos e não serem capazes de serem controlados pelos seres humanos, a explosão epidêmica ocorrida no início do ano de 2024 merece atenção total por parte do povo, que deve fazer a sua parte e adotar as medidas profiláticas necessárias, e do Governo, que deve por meio de políticas públicas garantir a segurança da nação. Ademais, a falta de cuidado do Governo Estadual e Federal para com a população mais vulnerável se mostra como um problema por si só, e que acaba acarretando em outras coisas negativas, mostrando ser de extrema importância uma análise rigorosa sobre o nosso sistema e acabar com as desigualdades sociais que assolam o nosso país.

Referências Bibliográficas

Reportagens online:

<https://www.gov.br/secom/pt-br/fatos/brasil-contrafake/noticias/2024/o-que-e-racismo-ambiental-e-de-que-forma-impacta-populacoes-mais-vulneraveis#:~:text=De%20acordo%20com%20a%20pensadora,etnias%20e%20popula%C3%A7%C3%B5es%20mais%20vulner%C3%A1veis.>

<https://dengue.saude.sp.gov.br/dengue/>

<https://medicinas.com.br/impacto-dengue/>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2024-03/populacoes-perifericas-sao-mais-vulneraveis-dengue>